



O governo é centro dos negócios em Brasília

JORNAL DE BRASÍLIA

23 ABR 1980

JORGE LUIZ SOUZA

Existem dois mundos dos negócios claramente distintos hoje em dia em Brasília. Um deles é a atividade empresarial que há em toda parte — de aproveitar os mercados que se oferecem com o objetivo do lucro direto — mas, mesmo neste caso, Brasília não deixa de ter características particulares. O outro é bem diferente, embora também exista em diversas capitais de países, de Washington a Nova Delhi, ou mesmo em capitais regionais, como Austin, no Texas: é o mundo das representações de empresas junto aos poderes públicos, principalmente o Executivo e o Legislativo. Constitui-se das «embaixadas» das grandes empresas nacionais e estrangeiras instaladas no Brasil, e seu negócio é influir no lado prático das políticas oficiais, e detectar, o mais cedo possível, as oportunidades de lucros que são criadas, em todo o resto do país e até fora dele, sob o patrocínio das decisões do Estado.

Neste aspecto, os negócios chegam a tomar características típicas do mundo diplomático, resguardadas as proporções. É uma vida cheia de cortesias e recepções festivas, sem perder, porém, a perspectiva do trabalho pragmático e persistente de acompanhar — e pressionar nos momentos adequados — o andamento de uma ou outra matéria de interesse das empresas durante as várias etapas do processo decisório dentro da burocracia estatal. Na verdade, a grande maioria das empresas dá maior importância a esse trabalho de acompanhamento, e, para tanto, prefere ocupar a representação em Brasília com executivos de nível gerencial, que apoiam as viagens do primeiro escalão das empresas para os contatos de nível mais elevado. Outras empresas, porém, investem com mais vigor nas representações em Brasília, escolhendo diretores para ter residência fixa na Capital Federal.

Faz muito tempo que essa atividade é praticada pelas empresas em Brasília, inicialmente através de representações das entidades da classe empresarial, com poucos casos de empresas se representarem individualmente. O movimento ganhou importância a partir do governo Geisel, que acelerou a transferência, para a nova capital, de organismos governamentais que permaneciam no Rio de Janeiro. No entanto, a partir do ano passado, aconteceu não só um novo impulso na instalação de representações de empresas em Brasília como também elas passaram a ter atribuições de «lobby» tradicional junto ao poder Legislativo — até então elas se voltavam basicamente para o acompanhamento de interesses junto ao poder Executivo. A razão disso é a expectativa das empresas de que, com o processo de redemocratização, o Congresso Nacional venha a aumentar o seu peso político nas decisões governamentais.

Por outro lado, como Brasília já não se contém mais no propósito original de cidade planejada apenas para a administração central do país, naturalmente as grandes empresas nacionais e estrangeiras passaram a se interessar por ela não só para negócios de representação como também para localizar suas filiais. Na principal atividade da cidade, os negócios imobiliários, essas investidas não chegaram a ter sucesso, da mesma forma que no ramo de hotelaria — outro bastante próspero que em Brasília só floresceu sob o olhar do dono —, embora agora esteja havendo uma nova ofensiva de grupos internacionais para construir o setor hoteleiro previsto para as margens do Lago Paranoá.

No grande comércio, entretanto, está o sucesso das grandes empresas de

fora, que, a partir de 1974, praticamente expulsaram ou absorveram o comércio local de maior porte, passando a dominar o abastecimento da cidade. Para isto contribuiu o fato de que, para chegar ao consumidor em Brasília, produtos como as mais simples confeções e até mesmo os produtos alimentares têm que viajar mais de mil quilômetros, pela falta de produção local ou, pelo menos, mais próxima. Naturalmente, o vertiginoso aumento dos custos dos transportes exigiu do comércio uma eficiência e poder econômico que os empresários locais não tinham ainda alcançado.

O comércio é ainda uma atividade que permanece bastante dinâmica no Distrito Federal, seja porque a população continua a crescer, principalmente pelos fluxos migratórios que continuam intensos, seja pela existência de uma enorme classe média concentrada no Plano Piloto e em algumas cidades satélites (ver quadro sobre o mercado de bens duráveis). O dinamismo não é, porém, exclusivo do grande comércio, porque a opção que a cidade adotou — o sistema de «shopping centers», que continuam sendo construídos — proporciona um convívio harmônico entre estabelecimentos de porte grande e pequeno.

Outros setores também começam a ganhar impulso, principalmente a agricultura, na chamada região geoeconômica do Distrito Federal, que inclui os municípios vizinhos de Minas Gerais e Goiás. Na verdade, impulsionada pela necessidade de alimentar os 1,2 milhão de habitantes do Distrito Federal, a agricultura local está sendo preparada no sentido de se desenvolver em moldes de empresas modernas, de porte médio, e isto lhe dá uma excepcional perspectiva econômica para os próximos anos.

Nos ramos da indústria de transformação começa um desenvolvimento que, se não é estimulado pelo governo local, também não é mais tão indesejável como outrora. No ramo de materiais de construção, a indústria local hoje excede às necessidades de suprimento da construção civil no Distrito Federal, e vem alcançando sucesso nas suas vendas para outros Estados, podendo, assim, experimentar uma grande expansão. Por sua vez, a indústria alimentar, até há pouco inexistente na região, está agora com os maiores planos de expansão, principalmente nos ramos mais simples, de beneficiamento de produtos agrícolas. E a indústria gráfica encontra a cada dia um maior mercado na concentração em Brasília de novos organismos da administração federal que são transferidos de outros Estados.

O governo, com suas autarquias e empresas vinculadas, não é só um grande cliente da indústria gráfica, mas sim o maior estimulador de toda a economia na região. Por exemplo, Brasília detém o curioso recorde de ter seu maior contribuinte de impostos não no ICM, mas sim no Imposto Sobre Serviços (ISS): exatamente uma empresa especializada no fornecimento de mão-de-obra para a administração federal e suas empresas. Até o ramo de negócios mais importantes no Distrito Federal, o de imóveis em geral, tem, segundo os próprios empresários, o governo como seu impulsionador. Afinal, se Brasília, nos últimos anos, ganhou vida própria em várias áreas, inclusive na dos negócios, sua característica fundamental é, facilmente observável, a presença do governo central, e tudo nela gira em torno disto.

Jorge Luiz Souza é chefe da sucursal da revista «Exame» em Brasília